

## EDITORIAL

*Enio Paulo Giachini*<sup>1</sup>

A região clara da atuação humana livre, tomada pelo conhecimento, em todas as suas fronteiras avizinha-se da escuridão, da escuridão do natural em nós mesmos e da profunda e impenetrável escuridão da determinação divina imediata de nosso querer e atuar. Mas os dois âmbitos são obscuros para nós: na realidade são iluminados pela claridade infinita do saber e pré-ciência divinos; sobre isso, diz a Sagrada Escritura: sua “luz” é “inacessível” (1Tm 6,16); e Aristóteles: nossa compreensão se comporta para com essa luz “como o olho da coruja para com a luz do sol”.

Seguindo essa inspiração de J. Pieper, protestamos aqui novamente nossa ignorância e nossa cordialidade em buscar ir ao encontro dessa luz primeira e inacessível. Para tanto, vamos batendo pedra com pedra de nossos pensamentos e embates, a ver se surge alguma faísca que nos possa dar alento e orientação na caminhada através da escuridão de nossa época e de nossas vidas, rumo a uma luz que conhecemos apenas pela nossa esperança e saudades.

Trazemos novamente um texto do Prof. Gad Freudenthal a respeito do pensamento de Maimônides em confronto com Al-farabi, sobre a implicação da nobreza de nascimento para o desenvolvimento intelectual e os privilégios ou não que dali possam decorrer para o desenvolvimento moral e pessoal do humano.

Celina A. Lértora Mendoza nos brinda com um belo texto sobre a questão da justiça a partir de um pensador jesuíta do século XVII, Mateo Mimbela. Analisa o conteúdo de um tratado sobre Deus Uno, que aborda a questão da justiça divina a partir dos atributos divinos. Conteúdos filosóficos e jurídicos dessa obra mostram o tema *de justitia et iure* na última etapa da segunda escolástica e sua recepção na América.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

Publicamos neste volume também a tradução do latim ao espanhol, feita por José M. F. Mendoza, do proêmio de Alexandre de Hales à *Metafísica* de Aristóteles. As breves páginas que o compõem mostram um claro conhecimento do corpo aristotélico e uma divisão específica das ciências. Essa introdução à metafísica aristotélica forma as bases da ciência do ente enquanto ente, mostrando sua dignidade e regência sobre os demais saberes.

Um texto do Prof. Dr. José Ricardo Pierpauli aborda os cinco grandes projetos filosófico-políticos delimitados na obra filosófica e teológica de Alberto Magno. Esses cinco temas evidenciam a articulação e amadurecimento das teses filosófico-políticas elaboradas por esse grande pensador medieval. Adiantamos aqui nossa intenção de dedicar um número especial, próximo, de *Scintilla* ao pensamento de Alberto Magno, pela sua envergadura de pensamento e pelo fato de ser muito pouco conhecido e estudado no Brasil.

Em *Arenques frescos ou meu último desejo*, o Prof. Carlos Arthur R. N. aborda a importância da experiência do tato e do gosto na caminhada rumo ao conhecimento de Deus. Um tema de extrema importância, que mostra o enraizamento de nossa natureza na terra dos homens e como é por ela que nos podemos elevar a Deus. Dentro deste quadro se propõe uma interpretação do conhecido desejo de Tomás de Aquino, em seus últimos dias, de comer arenques frescos. O professor indica o contexto desse episódio na vida de Tomás e no ambiente cultural do século XIII.

Há um pequeno opúsculo de Boécio de Dácia sobre o sumo bem, pouco conhecido entre nós, que nos pareceu útil disponibilizá-lo aqui. Sua tradução estava guardada há um bom tempo numa gaveta e nos pareceu oportuno disponibilizá-lo agora. Poderá ser um belo objeto de estudo.

Esperamos que essas contribuições possam atizar nossa esperança de avançar rumo à luz, mesmo em tempos de escuridão e trevas.

Boa leitura a todos.